

Resenha

*TREVISAN, Dalton. Macho não
ganha flor. Rio de Janeiro:
Record, 2006.*

Sérgio Alves Peixoto | UFMG

Vinte e um contos e uma orelha que é um achado. Com ela, Dalton encontrou uma forma de se dirigir à crítica e aos leitores que o tacham de repetitivo. Qual é a tua, vampiro? Continuar “perdido entre a tautologia e a platitude”? Sim, mas com uma nova “galeria de monstros morais”, pendurando-se, assim ele o diz, “sobre o oco do próprio coração”. Na verdade, uma das melhores coisas do livro é a supracitada orelha. Com ela, Dalton mostra que não ficou daltônico: continua a enxergar a vida como ninguém. Pelo menos uma face dela, a que lhe permite revelar-se como uma espécie de “moralista relutante”.

Quem compõe essa nova legião de desnaturados? “Fornicários, sodomitas, pedófilos, sadistas, maníacos”, uma grotesca “feira de aberrações” em que as deformidades estão mais, e principalmente, na alma. Difícil é acreditar que isso é novo, para quem sempre perscrutou os porões e os desvãos do ser humano. Toda essa gama de “filhos da noite desse vampiro de almas e lobisomem de espíritos” (ainda estamos na orelha) já se encontra disseminada por todos os seus livros anteriores. Quem quiser que os procurem. Todos infelizes, grotescos, ridículos muitas vezes.

O que talvez seja uma novidade – não fomos reler todos os contos da vasta obra do autor – é a não concretização de “crimes” ou desejos reprimidos

dos personagens deste Macho não ganha flor. Este é o caso, por exemplo, do estuprador fracassado, o macho em questão, personagem do primeiro conto do livro e que lhe dá título. A curra não resolvida: eis uma novidade, dirão os leitores, acostumados a estupros bem-sucedidos. O macho frágil na ação é potente na linguagem. A passividade da vítima esfria-lhe o sexo. Faz de tudo, e nada. Lembra-se de uma curra fantástica em que, após o gozo satisfeito, a mulher pensa em lhe dar de presente uma rosa ou um cravo pelo prazer sentido. Fica ofendido, não é boiola como o noivo de sua vítima e, como todo mundo sabe, flores são para viados e mulheres. “Que porra! Isso nunca me aconteceu” e “O que eu quero, vou lá e me sirvo”, são duas frases repetidas no conto por esse macho destituído de poder. E isso, com raiva. Tendo broxado – Dalton aprovaria esse termo – o personagem sai de cena, deixando, ao fim do conto, o lamento de sua vítima que, após tentativa de suicídio, se casa com o noivo e passa a viver um relacionamento complicado: “Deve ser problema meu, sei lá. O nosso relacionamento não está dando certo”.

Um dos melhores contos do livro é o terceiro, “Vestido vermelho”. Parece uma continuação do primeiro. Naquele, em certo momento, o estuprador diz à vítima que se ela estivesse vestida de vermelho e salto alto ele ficaria excitado. No conto de agora, a personagem passa todo o tempo a se excitar imaginando-se frente a seu homem, vestida de púrpura e de salto agulha. Na imaginação dela, ele não está nem aí.

Se no primeiro conto o impotente era o homem, agora aparece, em primeiro plano, uma mulher impotente em sua capacidade de sedução. Aqui, ela se despe lentamente, negaceia, busca a transa que não acontece. Enlouquecida de desejo, a frustração recai sobre o vestido vermelho que não foi capaz de erotizar o parceiro. Se o leitor quiser uma lista de cenas eminentemente pornográficas para testar a verve de Dalton, este conto é supimpa. Vejamos uma passagem em que a personagem se entrega de bandeja a este João-ninguém morto-vivo:

Já serpenteio o strip da Virgem Prometida ao Minotauro – e tudo mostro sem nada tirar. Requebrando no salto agulha, assim gostosa, frente e atrás, se você pedisse.

Mas não pede. Me esqueceu para sempre? Pra você já não existo?(...)

Daí me ponho de joelho e descerro o teu zíper com mais devoção que uma samaritana descalça. Isso mesmo: sou uma putinha pra você se servir. Em adoração, eu beijo dardejo lambo. E a-bo-ca-nho com toda a gentileza. (...)

Nunca mais abraço cafuné mordida tapa amasso agarro beijo nó górdio da língua?

Deixa de ser bobo, homem!

Não está vendo este seio, esta coxa, este requebro de bunda? (...)

Já não me quer, você? Tudo bem.

Despida dos meus sete véus, rastejando, te ofereço na bandeja de Salomé o coração apunhalado da minha pombinha e a cabeça falante do meu amor. (...)

Basta que eu te olhe. Nem chego perto. Do outro lado da cama.

No deslumbrante vestidinho novo. Comprei com o meu dinheiro contado. Só pra ficar linda aos teus olhos.

E sem você, ó putto dos meus pecados – coberta de púrpura ou nua em pelo –, pra que ser linda?

Maldito vestido vermelho.

Outra novidade é a pletora de palavrões em certos contos. Dalton sempre se utilizou deles, mas não tão violentamente, diríamos. Ao prazer em falar por metáforas (o professor de redação tem fardão da Academia Brasileira de Letras), junta-se a linguagem chula em nível nunca visto nos contos de Dalton. Cai-se no mau-gosto? E Por que não? Ele faz parte da vida, e o escritor sai-se muito bem, pois é notoriamente um mestre nisso.

Em “Prova de redação”, por exemplo, a juvenzinha safada sabe exatamente por que espécie de prova vai passar se for à casa do professor: uma coleguinha lhe contou tudo, nos mínimos detalhes, e o conto se resume a isso – a reprodução do que a amiguinha diz a nossa personagem de 16 aninhos e que não é mais virgem. Se Dalton não tem vergonha de fazer falar seu personagem, o resenhista teme em reproduzir seu texto. Não cabe bem num artigo acadêmico... Mas, vamos lá, geralmente não se pode ler Dalton impunemente:

Minha amiga diz que o doutor faz a gente pôr na boca o pau inteiro. Daí fala sacanagem (não tenho coragem de repetir) enquanto eu? Ela? obedece. Depois tem de ficar de pé, descer a calcinha, bem degava... devagarinho. Rebolar a bundinha e aí se masturbar na sua frente. (...)

Quando a gente pede pra morrer, o doutor oferece a pica bem dura, que ela? eu? abocanha e goza, de olhinho fechado.

– Ei, sua putinha! Assim, não. Olhe pra mim!

Eu abro e olho, o Carro de Guerra do Faraó todinho na boca. Ai, que vergonha. Que tremedeira. E gozo. E me reviro pelo avesso: ó gritaria na alma! (...)

Minha colega preveniu que nessa hora não posso fraquejar. O quê? Mais? O doutor ainda quer mais?!

– Só comer o cuzinho. (...)

À medida que você rebola, a Vara de Brasa Viva que separou as águas do Mar Vermelho (esse doutor tem cada uma!) se insinua de mansinho na tua fonte selada. (...)

E o doutor, que é poeta romântico, fica todo inspirado. Fala igual a uma arara bêbada no Passeio Público:

– Ta ouvindo, sua diabinha? O choro da maviosa Flauta Doce? É o que você bem queria, né? Diga sim. Sim. Gosta, sim. Dar o cu. Fala, vulgívaga. Já rebento as sete pregas desse rabinho. Até você gritar. Ai, como é bom. Engatar a minha pica todinha no teu cu.

Aí está muito pouco do mundo que Dalton Trevisan nos apresenta neste seu último livro de contos. Queres arriscar, leitor? Prepara o ouvido e os olhos para um mundo de palavras e de cenários no mínimo tristemente humanos.

Para terminarmos essa breve apresentação, voltemos à orelha do livro, ao final, no momento em que o autor fala de si mesmo, ironicamente, como um escritor menor. Aqui, repetimos a pergunta feita no início: Vampiro, qual é a tua? A resposta... deixamos ao leitor.

A nós outros o escriba sugere um amador de opereta bufa pornô. Os seus personagens são primos tortos da barata de Kafka e do rinoceronte de Ionesco. Ou gêmeos xifópagos espirituais do três irmãos Karamazov. (...) Não nos convence. Decerto esse não é o bom combate. Ao contrário, o autor perdeu a batalha, nem seque travada. Acabou a carreira.

Ora, direis: Um mestre do passado. Do passado, sim. Mestre, nunquinha. Ai dele, sem presente. E o futuro? Só cinzas.

E só. E mais nada.